



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

A EJA NA ENCRUZILHADA DIGITAL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Alex Lourenço dos Santos

UFCAT- Doutorando em Geografia

alex.santos@educa.go.gov.br

Pedro Augusto Prata Barbosa

IFG- Licenciatura em Química

pedro.prata@academico.ifg.edu.br

Cristiany Barbosa Ferreira Resende

UFCAT- Doutoranda em Geografia

cristianybf@gmail.com

GT 6 – Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular e Movimentos Sociais.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é historicamente um campo de disputa pelo direito à educação, atendendo a um público majoritariamente trabalhador e marcado por trajetórias de exclusão social e escolar. No contexto contemporâneo, a ascensão da Inteligência Artificial (IA) apresenta novos desafios, podendo tanto aprofundar desigualdades quanto abrir caminhos para práticas pedagógicas inclusivas e emancipatórias. Fundamentado em revisão bibliográfica crítica e na pedagogia freireana, este ensaio investiga os obstáculos e potencialidades da IA na EJA. A análise evidencia uma tensão central: docentes e discentes percebem a IA como um campo de desafios sociotécnicos, devido a barreiras de acesso, infraestrutura precária e necessidade de letramento digital, mas também reconhecem seu potencial para qualificação profissional, otimização dos estudos e valorização de narrativas culturais. Conclui-se que a apropriação emancipadora da IA depende da superação da concepção "bancária" de ensino, da valorização dos saberes e da realidade dos estudantes, e da implementação de políticas públicas que garantam inclusão digital e formação docente continuada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Inteligência Artificial. Inclusão Digital. Práticas Pedagógicas.

Realização:



Apoio:



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil constitui um espaço de resistência e afirmação de um direito historicamente negado, marcado pela descontinuidade de políticas públicas que oscilam entre enfoques compensatórios e propostas emancipatórias. Os sujeitos da EJA são diversos, mas compartilham histórias atravessadas pela exclusão escolar, frequentemente vinculadas a desigualdades de classe, raça e gênero. Como aponta Arroyo (2017, p. 8), é preciso reconhecer os estudantes da EJA como sujeitos de rebelião, cujos percursos de vida repõem os significados mais radicais da pedagogia, da docência e do ofício de mestre.

No cenário contemporâneo, à histórica exclusão social e educacional soma-se o desafio da era algorítmica e da popularização da Inteligência Artificial. Embora reconhecida por seu potencial de otimizar a aprendizagem, sua apropriação desigual ameaça ampliar o abismo digital e reproduzir estruturas de exclusão que a EJA busca superar. Essa encruzilhada digital exige reflexão crítica sobre como integrar novas tecnologias sem reproduzir a lógica da "educação bancária", denunciada por Paulo Freire (1987), na qual o conhecimento é simplesmente depositado em alunos passivos.

Este trabalho analisa os desafios e as potencialidades da Inteligência Artificial na EJA sob perspectiva freireana. A partir de revisão da literatura sobre a trajetória histórica da modalidade e estudos recentes sobre o uso da IA por estudantes e professores, argumenta-se que a tecnologia não é, em si, libertadora, dependendo de uma práxis pedagógica dialógica, crítica e vinculada à realidade dos sujeitos. O ensaio se organiza em três momentos: retomada do percurso histórico da EJA e de seus fundamentos pedagógicos, análise da IA como campo simultâneo de exclusão e possibilidade, e discussão de caminhos para apropriação crítica e criativa da tecnologia, voltada à autonomia e à transformação social.

DESENVOLVIMENTO

1. FUNDAMENTOS DA EJA: DIREITO, SUJEITO E PEDAGOGIA

Realização:



Apoio:



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



Compreender os desafios atuais da EJA exige reconhecer seu percurso histórico como campo de disputa social. A educação para trabalhadores no Brasil foi, por décadas, subordinada às demandas do sistema produtivo e marcada pela "superficialidade e o aligeiramento dos currículos" (Pereira, 2014, p. 175). Desde a catequização no período colonial até programas como o MOBREAL durante o regime militar, predominou um ensino funcionalista, focado no adestramento para o trabalho e na conformação ideológica, em detrimento da formação humana integral. A mudança de "Ensino Supletivo" para "Educação de Jovens e Adultos" na LDB de 1996 simbolizou um "alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação", abrangendo processos formativos mais amplos (Soares, 2002, p. 12).

No centro da EJA está o estudante, não como aprendiz deficitário, mas como sujeito de ampla experiência de vida e saberes culturais. O público é heterogêneo, majoritariamente composto por mulheres, pessoas negras ou pardas e moradores de regiões periféricas, motivados a melhorar suas condições de vida e acesso ao trabalho. Um dos erros da pedagogia tradicional é ignorar essa realidade, reproduzindo práticas inadequadas, como infantilização dos educandos, uso de linguagem desqualificadora e conteúdos alheios ao cotidiano. Como questiona Oliveira (2007, p. 90), como é possível que alguém que gerenciou filhos e netos não consiga aprender a fazer contas? O problema está na prática escolar que desconsidera seus saberes.

O pensamento de Paulo Freire se torna indispensável, ao criticar a concepção bancária da educação, em que o educador "enche" os alunos com conteúdos (Freire, 1987). Em oposição, propõe educação problematizadora e dialógica, na qual educador e educandos são sujeitos conjuntos do conhecer, mediatizados pelo mundo. A educação autêntica "não se faz de 'A' para 'B' ou de 'A' sobre 'B', mas de 'A' com 'B', mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p. 48). O ponto de partida do conteúdo deve ser o universo temático dos educandos, suas aspirações, dúvidas e esperanças, expressas em seus temas geradores, respeitando seus saberes e sua "leitura de mundo" para promover autonomia e consciência crítica.

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



2. A REALIDADE DA EJA NA ERA DIGITAL: O DUPLO ABISMO DA EXCLUSÃO

A ascensão da era algorítmica adiciona complexidade à realidade da EJA (Araújo; Ferreira, 2025). A exclusão, antes marcada por fatores socioeconômicos e escolares, agora se manifesta também no campo digital. A IA surge como fenômeno ambivalente, podendo aprofundar desigualdades ou se tornar recurso pedagógico. A pesquisa de Araújo e Ferreira (2025) no Maciço de Baturité revela que a representação social da IA entre docentes mudou de aprendizado para desafios tecnológicos, indicando que, na prática, é vivenciada mais como campo de tensão e exclusão do que como oportunidade pedagógica.

Os desafios são estruturais. A literatura aponta que a carência de formação docente e a infraestrutura inadequada dificultam a inclusão digital na EJA (Almeida; Silva; Torres, 2021). Professores relatam acesso limitado a computadores e dependência de celulares de baixa capacidade, restringindo o uso da IA fora da escola. Uma docente ilustra a realidade: "Nos notebooks, a gente desenha um modelo num papelão para eles identificarem os botões antes de mexer de verdade" (Araújo; Ferreira, 2025, p. 97), evidenciando a precariedade do acesso.

Apesar disso, os estudantes demonstram interesse e apropriação crescente das ferramentas de IA. No Colégio de Aplicação da UFRGS, 72,5% dos alunos já utilizavam alguma ferramenta de IA, especialmente ChatGPT (82,5%), e 95% consideravam importante aprender sobre o tema (Favero; Piva; Cardoso, 2025, p. 318). Um aluno sintetiza a percepção geral: "É um tema que está em pauta, [...] ou você aprende ou fica para trás" (Favero; Piva; Cardoso, 2025, p. 318).

A tensão entre barreiras estruturais e desejo de inclusão digital evidencia o duplo abismo da exclusão na EJA. Sem políticas públicas de inclusão e formação crítica, a IA tende a reforçar desigualdades históricas, funcionando como filtro social que determina quem acessa o mundo digital e quem permanece à margem.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA UMA EJA CRÍTICA E CONECTADA

Realização:



Apoio:



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



Superar os desafios da era algorítmica na EJA exige mais do que infraestrutura; requer reinventar as práticas pedagógicas. A simples digitalização de conteúdos ou o uso instrumental da tecnologia reforça o modelo "bancário" de educação. Em consonância com a pedagogia freireana, a tecnologia deve ser um dispositivo pedagógico que promova diálogo, autoria e valorização dos saberes dos estudantes.

Um exemplo é o projeto "Café com a Matinta", em Belém (PA), em que a Inteligência Artificial Generativa foi usada para recriar narrativas amazônicas (Soares et al., 2025). Os estudantes transformavam suas histórias em "prompts" para a IA gerar imagens, participando ativamente na negociação de sentidos, identificação de vieses e ajustes das imagens para refletir suas memórias. A tecnologia atuou como "coautora na reconstrução das histórias de vida dos estudantes", ampliando a multivocalidade sem substituir oralidade ou autoria.

A prática se alinha aos princípios de Freire (1987), em que as narrativas dos estudantes funcionam como "temas geradores", permitindo ampliar a leitura de mundo e promover consciência crítica sobre cultura e tecnologia. Como defende Freire (1996, p. 15), é necessário estabelecer "intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos".

Além de práticas criativas, é essencial desenvolver letramento digital crítico, abordando segurança digital, vieses algorítmicos, desinformação e uso ético da informação. Experiências com a EJA mostram a emergência de termos como "responsabilidade digital" e "notícias falsas", destacando a necessidade de um uso ético e crítico da tecnologia (Muñoz; Pancione; Oliveira, 2024, p. 3). Essa formação prepara os estudantes para agir de forma autônoma e consciente em uma sociedade midiaticizada.

CONCLUSÕES

A trajetória da EJA é marcada pela luta pelo direito de existir como espaço de formação para sujeitos historicamente invisibilizados. A chegada da Inteligência Artificial (IA) acrescenta urgência a essa luta, pois pode tanto aprofundar a exclusão, reforçando o duplo abismo social e digital, quanto se tornar instrumento de uma educação emancipadora. Sem um

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



referencial crítico, a IA tende a intensificar a “educação bancária”, automatizando a transmissão de conteúdos e ampliando desigualdades já vividas por professores e estudantes em contextos de precariedade.

Por outro lado, pesquisas mostram caminhos alternativos, como a recriação de narrativas amazônicas com IA Generativa, que valoriza a cultura e a oralidade dos estudantes, transformando-os em autores de suas próprias representações digitais. Nessa perspectiva freireana, os “temas geradores” dos educandos tornam-se base de um processo educativo tecnológico, cultural e político, no qual educadores e estudantes se enriquecem mutuamente.

A escolha entre exclusão ou emancipação depende de decisões pedagógicas e políticas. Cabe ao educador da EJA atuar como mediador crítico, apesar da histórica falta de formação adequada, enquanto os estudantes demonstram forte interesse em se apropriar da tecnologia para não ficarem à margem da cidadania digital.

Inspirados por Paulo Freire, conclui-se que a integração da IA na EJA só será transformadora se for dialógica, crítica e problematizadora, o que implica:

- **Partir da realidade dos sujeitos:** Utilizar as experiências, os saberes e as narrativas dos estudantes como temas geradores para a exploração da tecnologia, como no caso do projeto "Café com a Matinta".
- **Promover o letramento digital crítico:** Ir além do ensino instrumental, fomentando a reflexão sobre os impactos éticos, sociais e políticos dos algoritmos, preparando os estudantes para uma cidadania digital autônoma e segura.
- **Superar o modelo "bancário":** Rejeitar a ideia de transferir conhecimentos sobre IA e, em vez disso, criar condições para que os estudantes se tornem coautores e sujeitos na produção do saber, em um processo colaborativo com os educadores.

Por fim, nada disso será plenamente possível sem políticas públicas que reconheçam as especificidades da EJA. É urgente o investimento em infraestrutura digital, a criação de programas de formação docente continuada e o desenvolvimento de currículos que articulem a educação básica à cultura digital de forma integrada. A EJA não pode continuar sendo tratada como uma modalidade secundária, especialmente em um momento histórico em que as



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

competências digitais se tornam condição para o pleno exercício da cidadania. A tarefa que se impõe é a de lutar para que a Inteligência Artificial, nas mãos dos sujeitos da EJA, se converta em uma ferramenta a serviço da vida, da autoria e da esperança, reafirmando que a educação, em sua essência, é uma prática de liberdade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M.; SILVA, C. D. D.; TORRES, C. I. O. Tecnologia educacional e inclusão social na Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Civicae*, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2021.

ARAÚJO, J.; FERREIRA, L. O que a EJA revela sobre a era algorítmica?. *Revista de Estudos de Cultura*, São Cristóvão (SE), v. 11, n. 27, p. 83-108, jan./jun. 2025.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FAVERO, R. V. M.; PIVA, J. D. C.; CARDOSO, R. G. W. Inteligência Artificial na EJA: "ou você aprende ou fica para trás". *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 23, n. 1, p. 310-321, jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUÑOZ, R. M.; PANCIONE, G. S.; OLIVEIRA, M. G. O uso da inteligência artificial nos processos pedagógicos de aprendizagem na EJA. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)*, 2024.

OLIVEIRA, I. B. de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007.

PEREIRA, J. V. Tendências históricas da educação dos jovens e adultos no Brasil: da subordinação a tentativas de emancipação. *Revista Educativa*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 175-200, jan./jun. 2014.

SOARES. L. J. G. Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: **DP&A**, 2002.

SOARES, Y. et al. Recriações ciberculturais: inteligência artificial generativa e práticas narrativas na educação de jovens e adultos amazônica. *Revista de Estudos de Cultura*, São Cristóvão (SE), v. 11, n. 27, p. 125-142, jan./jun. 2025.

Realização:



Apoio:

